

## Entrevista com Ronaldo Vainfas: História, Historiografia e pós-graduação brasileiras.

*Entrevistadores:*

Eudes Fernando Leite<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Grande Dourados

Leandro Baller<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Grande Dourados

Thiago Leandro Vieira Cavalcante<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Grande Dourados

### **Apresentação:**

O historiador Ronaldo Vainfas dispensa maiores apresentações à comunidade acadêmica brasileira, é sem dúvida um dos maiores expoentes da historiografia nacional atual. Obteve seu mestrado em História na Universidade Federal Fluminense em 1983 e em 1988 doutorou-se em História pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor titular na Universidade Federal Fluminense, autor de dezenas de artigos, capítulos e livros. No dia 22/10/2006 cedeu gentilmente está entrevista para a Revista Eletrônica História em Reflexão.

### **Panorama sobre a Historiografia:**

*Pergunta 01- Qual é a sua visão sobre a produção historiográfica brasileira na virada do milênio?*

*Ronaldo Vainfas:* Uma produção cada vez mais ligada aos cursos de pós-graduação, logo uma historiografia profissional voltada para a pesquisa de temas monográficos bem

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UNESP/Assis, professor adjunto e coordenador do PPGH / mestrado em História da UFGD.

<sup>2</sup> Mestrando em História pela UFGD, editor da Revista Eletrônica História em Reflexão e bolsista da CAPES.

<sup>3</sup> Mestrando em História pela UFGD, editor da Revista Eletrônica História em Reflexão e bolsista da CAPES.

delimitados em tempo e espaço. Também mais cuidadosa na escolha de metodologias adequadas aos tipos de fontes selecionadas. É o que se vê, por exemplo, nos trabalhos ancorados em fontes visuais ou na história oral. Mas isto vale também para os trabalhos ancorados, por assim dizer, em fontes convencionais. As fontes escritas, que são as fontes por excelência ou clássicas da pesquisa histórica. Basta ver o cuidado dos historiadores com a questão da produção discursiva, da construção das narrativas nas fontes, das regras da agência que as produziram ou produzem. Do ponto de vista teórico, o que prevalece, felizmente, é um pluralismo muito elástico de paradigmas. Foi-se o tempo dos modelos que se pretendiam hegemônicos, com a pretensão de serem os detentores da explicação verdadeira da história. A conversa de crise de paradigmas ou ausência de paradigmas parece ser nostalgia dos que se entrincheiravam num marxismo ortodoxo. Atrás do muro que caiu em Berlim. Ou derrubaram.

*Pergunta 02 - Qual o lugar ocupado atualmente pelo “marxismo” na historiografia brasileira?*

*Ronaldo Vainfas:* Ainda é muito importante, sobretudo na história econômica e dos movimentos sociais, e mais na história contemporânea do que na de outras épocas. Mas o marxismo mais inspirador tem sido o da escola britânica, sobretudo o de Thompson, que rompe com certos dogmatismos, a exemplo da “luta de classes”, tomada em abstrato e ideologicamente, ou do economicismo simplificador. É este um marxismo muito afinado com a leitura antropológica da história. Quanto aos modelos mais antigos e filosóficos do marxismo, Gramsci ainda é referência importante, exatamente porque nunca caiu na indigência teórica do stalinismo.

### **A pós-graduação no Brasil:**

*Pergunta 03 - Em que medida você avalia que a expansão da pós-graduação tem contribuído para o cenário historiográfico brasileiro.*

*Ronaldo Vainfas:* Tem contribuído decisivamente para a profissionalização da pesquisa, conforme respondi na primeira pergunta. A historiografia sobre o período colonial, que conheço melhor, teve papel muito importante na renovação de nossa historiografia, há uns 25 anos, e foi basicamente fruto da pesquisa universitária. Com exceções, claro, a exemplo

da magnífica obra de Evaldo Cabral de Mello. O mesmo vale para os estudos sobre escravidão, irrigados pelo intercâmbio com a historiografia norte-americana, a exemplo de João Reis, que se doutorou nos EUA. Hoje os historiadores da escravidão trabalham em perspectiva afro-brasileira. Enfim, descobriram a África, embora com tremendo atraso. De todo modo, também neste caso é a historiografia universitária que está na vanguarda, com exceção, neste caso das africanidades, da obra de Alberto da Costa e Silva. Mas, no conjunto, o melhor da historiografia brasileira dos últimos 20 anos provém da pós-graduação.

*Pergunta 04 - A sua opinião sobre o modelo da pós-graduação em História no Brasil e os seus resultados em termos qualitativos.*

*Ronaldo Vainfas:* Agora vamos falar dos problemas. Nem tanto quanto ao modelo que, no geral, é bom. As agências de fomento, com razão, têm cobrado dos Programas maior controle dos prazos, porque, em passado recente, o descontrole era total. Há uns 20 anos, havia quem fizesse o mestrado em até 7 ou 8 anos. Um absurdo! E não necessariamente esta demora era garantia de qualidade. Mas é certo que, na História, 48 meses para um doutorado é pouco. O comitê da CAPES sabiamente tolera, em nossa área, um prazo médio de 55 a 60 meses. Já para o mestrado os 24 meses estão bem previstos. Pela simples razão de que a maior parte dos mestrandos vêm da Iniciação Científica e levam para o mestrado pesquisas que realizam há 1 ou 2 anos. Por vezes o tema de sua monografia de graduação. De modo que o mestrado, na prática, não se confina nos 24 meses, porque o mestrando já vem preparado com tema, fontes, etc.

Quanto aos resultados qualitativos, é como já disse na pergunta anterior. O melhor de nossa historiografia recente vem da pós-graduação. O que não significa que tudo que se produz na PG é excelente. Pelo contrário, predominam, a meu ver, trabalhos muito pontuais, com pesquisa correta, mas sem nenhuma erudição. Aí o modelo prejudica, porque tudo ficou muito pragmático. Os jovens não têm tempo de amadurecer intelectualmente. Passam da IC para o mestrado, não raro com o mesmo tema, e daí ao doutorado. Tudo muito apressado, do que resulta que muitos viram historiadores “monotemáticos”, que só conhecem aquele mínimo recorte que pesquisam desde a graduação.

### **Historiografia e o mercado editorial:**

*Pergunta 05* - Tem-se a impressão que a coleção “História da vida privada no Brasil” foi um marco no acesso ao mercado editorial por parte de obras historiográficas. Em que medida isso se confirma, sobretudo em relação às editoras comerciais. Atualmente este acesso ou situação manteve-se, ampliou-se, ou decaiu? Há permanências ou rupturas nesse sentido?

*Ronaldo Vainfas:* Este acesso vem de antes, talvez do meado dos anos 1980, embora em São Paulo as teses mais qualificadas sempre tiveram acesso às editoras comerciais (Perspectiva, Ática, Brasiliense, etc). Nos anos 1980, as editoras se abriram muito às teses e também investiram na tradução de autores franceses, ingleses, italianos, norte-americanos. A História da vida privada no Brasil, de todo modo, foi um marco, porque teve uma repercussão muito grande e um desempenho editorial excelente. O volume coordenado pela Laura de Mello e Souza, em particular, tenho a impressão de que foi o carro-chefe da coleção. Aliás, a Companhia das Letras foi a estrela das editoras neste “boom” das publicações em história. Atualmente, o mercado me parece mais seletivo, as editoras também, sobretudo porque a Pós-graduação no Brasil cresceu consideravelmente. Não chegavam a 20 os Programas de PG em História no meado dos anos 1990. Hoje, até onde sei, são mais de 40. Ou seja, mais do que duplicaram nos últimos 10 anos. Não há mercado que suporte tamanha oferta e, considerando o ritmo “industrial” da produção historiográfica, como disse, nem sempre vale divulgar mais amplamente as pesquisas, porque não há mercado. Por outro lado, vale registrar o crescimento e profissionalização de várias editoras universitárias, como a da UFMG, da UFRJ, da UNESP, e mesmo de algumas particulares, como a da EDUSC. Mas a tendência caminha no sentido de uma grande seletividade.

*Pergunta 06* - É possível entender a ação ou função do historiador enquanto estudante do passado, cuja produção seria útil como guia pedagógico das ações da sociedade no presente? Estamos nos referindo aqui especificamente à função do conhecimento histórico.

*Ronaldo Vainfas:* Por vezes sinto muita falta de nossa historiografia clássica. Dos grandes ensaios de interpretação do passado que buscavam, através da história, pensar o Brasil do presente e até contribuir para modificá-lo. Sérgio Buarque, Gilberto Freyre, Raimundo Faoro, Caio Prado, só para citar alguns do século XX. Hoje a historiografia é excessivamente “profissional”, por vezes demasiado técnica, e visa, antes de tudo, garantir um título universitário de mestrado ou doutorado e alicerçar o autor na sua carreira. Nada, além disso. Mas não sejamos tão pessimistas. O melhor de nossa historiografia universitária esteve e

está muito sintonizada com os problemas do seu tempo. Como a historiografia sobre o movimento operário, deslanchada no final da década de 1970, sintonizada com a crítica frontal ao regime militar, então em crise, e com a ascensão do sindicalismo independente, que deu no PT. As produções da USP e da UNICAMP foram vanguardas neste ponto. Também a historiografia ligada à história cultural de fim dos anos 1980 e da década de 1990, estava sintonizada com o mundialização dos pluralismos, com a difusão dos movimentos das minorias raciais, sexuais, lutas de gênero, etc. Em suma, com o declínio de um marxismo mais ortodoxo, que só admitia que a história fosse válida quando priorizasse o estudo das estruturas econômicas e das lutas de classe. A própria história mostrou que a luta de classes é uma entre várias lutas possíveis, todas igualmente legítimas como causa para lutar ou objeto para pesquisar. O problema da religião, por exemplo, é cada vez mais central para se entender o mundo de hoje. O mesmo em relação às identidades e conflitos étnicos. De modo que a historiografia pode dar contribuição enorme para se atuar no presente, para pensar o presente, ainda que voltada para temas passados com perspectiva monográfica.

### **História e Narrativa:**

*Pergunta 07* - Depois do impacto de trabalhos como, por exemplo, de Hayden White, especialmente no Brasil, suas incorporações e críticas feitas neste sentido, como está a discussão entre o conhecimento histórico e a narrativa histórica?

*Ronaldo Vainfas:* A narrativa é aspecto central no trabalho do historiador, mas não sou adepto da idéia de que a história é apenas um gênero narrativo, entre outros. Esta é um pouco a idéia que nos passa Hayden White, embora dele só tenha lido a Meta-História. Aliás, um livro muito chato, se me permite.

De modo que prefiro seguir a advertência do Carlo Ginzburg, tratando deste assunto, quando diz que, “entre provas e possibilidades”, o historiador deve ser o mais rigoroso possível na demonstração de suas teses, sobretudo no domínio factual. Só isto qualifica o caráter científico da pesquisa e da escrita historiográfica, separando esta última da narrativa ficcional. Mas é “ciência do particular”, vale sublinhar, aberta a conjecturas e intuições, capacitada a decifrar os indícios que a documentação esconde nas entrelinhas.

Uma “ciência histórica” que reconhece sua especificidade particularizante como forma de conhecimento.

*Pergunta 08* - Ainda sobre essa questão parece que trabalhos sobre a discussão das narrativas como os de Luiz da Costa Lima, apenas lembrando um recém publicado, “História. Ficção. Literatura”, não têm despertado o devido interesse nos historiadores brasileiros, o que você pensa sobre isso?

Não posso opinar porque não li este livro do Costa Lima. Talvez isto responda, em parte, à pergunta, embora seja resposta muito pobre, reconheço.

### **A historiografia brasileira em âmbito internacional:**

*Pergunta 09* - Considerando a sua presença em vários eventos nacionais e internacionais, como você avalia a inserção da historiografia brasileira em âmbito internacional?

É cada vez maior o intercâmbio e a inserção internacional de nossos historiadores. Participam em grande número de colóquios e congressos em várias partes do mundo, alguns ministram cursos e seminários no exterior, e uma parcela, evidentemente menor, publica em línguas estrangeiras. Mas o interesse estrangeiro pela nossa história é desigual. Na Europa, por exemplo, o interesse maior, quase exclusivo, é pela nossa história colonial. Pela simples razão de que nossa história colonial é história européia, história de colônias européias, história deles.

A história da escravidão, por outro lado, sobretudo na perspectiva da “diáspora africana”, também desperta grande interesse, pois o problema das minorias é cada vez mais atual nos países da Comunidade Européia. Já nos EUA, o interesse me parece mais amplo, em termos de períodos da história brasileira. Há uma tradição “brazilianista” mais consolidada; há mais centros latino-americanistas nas universidades; há, enfim, a perspectiva “imperial” norte-americana, que decerto tem a ver com este quadro. Mas o problema, no caso dos EUA, é que se conhece muito menos o Brasil do que outros países latino-americanos. Na maioria dos centros latino-americanos das universidades norte-americanas, os autores e historiadores são hispanistas.

### **Historiadores formadores de escolas (modelos):**

*Pergunta 10* - Atualmente ainda é possível identificar historiadores que contribuem para a formação de “escolas” ou “tradição” historiográficas? Estamos pensando aqui mais especificamente em questões teóricas e temáticas.

Creio que sim. No Brasil e em vários países latino-americanos como México, Colômbia, Argentina, a micro-história, como metodologia, tem sido adotada e discutida. Há inclusive pesquisas sobre a gênese da micro-história como campo historiográfico, como o livro do Henrique Espada, hoje professor na Universidade Federal de Santa Catarina, originalmente tese da UNICAMP. Então é possível dizer que Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, por exemplo, que foram protagonistas da micro-história, criaram um movimento historiográfico. A própria França, tradicionalmente vanguarda de “viragens historiográficas”, recebeu influxos da micro-história italiana, vide o colóquio realizado nos anos 1990, organizado por Jacques Revel. Outro exemplo: a obra de E.P.Thompson. Diria que hoje é impossível realizar estudos sobre movimentos sociais no mundo ocidental sem conhecer a obra de Thompson, sem dialogar com ela. Também certos antropólogos funcionam como referência para estudos historiográficos contemporâneos que navegam no domínio da cultura: Clifford Geertz, Marshall Sahlins, Frederik Barth, São autores antigos, mas que só nos últimos 15 ou 20 anos passaram a ser reconhecidos ou mais divulgados fora dos países de língua inglesa. No campo da religião, e sobretudo das religiosidades cotidianas, impossível ignorar os modelos de Mircea Eliade. No campo da história política, impossível desconhecer a obra de Norbert Elias, que começou nos anos 1930, mas a primeira tradução brasileira foi nos anos 1980! Há, portanto, autores ou obras que, embora muitas vezes antigas, continuam a inspirar questões e temas de pesquisa. Em alguns casos são mesmo “redescobertas”. A diferença é que nesta virada de milênio, admite-se a pluralidade de modelos de referência como saudável para a pesquisa histórica.

*Pergunta 11* - Nos últimos anos surgiram vários trabalhos que tratam de questões referentes às sociedades pré-coloniais e às preocupações com o trabalho indígena. Você tem acompanhado essa questão? Como ela está situada no debate historiográfico brasileiro com relação às políticas de afirmação de múltiplas identidades do contexto sócio-histórico?

É verdade. Mas é também espantoso que somente nos últimos anos nossos historiadores tenham se lançado sobre a história indígena, até então domínio exclusivo dos antropólogos ou mesmo sociólogos, como Florestan. Nisto nos diferenciamos muito, infelizmente, da historiografia produzida nos países vizinhos de língua espanhola. O despertar dos historiadores para a questão indígena deve muito aos antropólogos. Darci Ribeiro e, mais recentemente, Manuela Carneiro da Cunha, Eduardo Viveiros de Castro, Luis Felipe Baeta Neves, João Pacheco. Na história propriamente dita, o grande “mentor” foi John Monteiro, da UNICAMP, que dirigiu teses magníficas e premiadas como da Maria Leônia sobre os índios de Minas; a da Regina Celestino sobre os aldeamentos do Rio de Janeiro; a da Cristina Pompa sobre os tapuias; a do Almir Diniz sobre os “índios cristãos” da Amazônia. Vale citar também os trabalhos do Pedro Puntoni, da USP, e da Maria Idalina Cruz, da Universidade Federal de Pernambuco, sobre os “tapuias” e a chamada Guerra dos Bárbaros. Os dois excelentes. O do Marcos Galindo, de Pernambuco, é magnífico. Eu mesmo publiquei o *Heresia dos índios*, em 1995, que é um livro sobre a Santidade de Jaguaripe, na Bahia quinhentista, que tem lá o seu valor como pesquisa original.

É claro que estas pesquisas tem a ver com o interesse crescente pelo problema das identidades, da construção delas, dos conflitos deflagrados a partir delas ou por causa delas. É uma questão mundial a das identidades religiosas, étnicas e culturais. Mas não ao ponto de se dizer, como dizem os nostálgicos da “hegemonia marxista”, que a história substituiu a lógica da contradição pela lógica da diferença. Não são estas, a meu ver, lógicas excludentes, como problemáticas de investigação.

### **Atualidades:**

*Pergunta 12 - A que você tem se dedicado, em termos de pesquisa atualmente?*

Há alguns anos tenho me dedicado a pesquisas sobre a dominação holandesa no Brasil. Com muita coragem, devo dizer, porque a historiografia pernambucana é monumental: José Higino, Souto Maior, José António Gonsalves de Mello, Evaldo Cabral de Mello, Leonardo Dantas Silva, Marcos Galindo, sem falar nos estrangeiros, antigos ou modernos. Mas minhas pesquisas têm buscado estudar o período holandês pelos flancos. Estou agora escrevendo uma biografia sobre Manoel de Moraes, um tremendo traidor, se me permitem. Jesuíta que pegou em armas contra os holandeses, depois mudou de lado,

viveu na Holanda oito anos, casou-se lá duas vezes, voltou ao Brasil como negociante de pau-brasil, mudou outra vez de lado. Acabou na Inquisição, cuja documentação é a base da pesquisa. Frei Manuel Calado, o autor do Valeroso Lucideno, chegou a dizer que este “meu” personagem (contemporâneo dele no século XVII), foi mais importante para os holandeses do que o célebre Calabar. Não diria tanto. Mas é um personagem extraordinário, que permite conhecer a dominação holandesa nas entranhas do processo. Além disso, não deixa de estimular, por metáfora, a discussão sobre o “caráter brasileiro”, melhor dizendo, sobre a questão da ética na nossa formação histórica.

*Pergunta 13 - Como você analisa o atual contexto político no Brasil? (22/10/2006)*

Tremendamente problemático, e chato, sobretudo por causa deste “udenismo denunciante” que agora se volta contra o PT, ele mesmo sempre muito “udenista” antes de conquistar a Presidência da República. Não que eu esteja aqui, é óbvio, a defender ou amenizar as falcatruas descaradas de mensalões e assemelhados. Mas como nunca fui do PT e sempre critiquei o “puritanismo cátaro” de suas lideranças, não me surpreendi minimamente com o escândalo do mensalão. Isto tudo já acontecia nas prefeituras governadas pelo PT nos anos 1990, como denunciou o Paulo Wenceslau, e por isto foi expulso do partido naquela altura. Portanto, fico muito à vontade para defender o governo Lula, como fiz na Folha de São Paulo, inclusive declarando voto. O governo Lula foi muito bom em relação ao do FHC. Manteve a estabilidade econômica e até zerou a dívida com o FMI sem calote. Desenvolveu programas sociais de grande alcance, como o Bolsa Família. Quem passava fome é capaz de valorizar este Programa. Quem não sabe o que é fome, desqualifica. E, falando da nossa área, nunca um governo foi tão eficaz e criterioso, na gestão da CAPES e do CNPQ, como este do PT, além de recuperar um pouco a dignidade das Universidades Federais. Fico muito à vontade para dizer isto porque, repito, nunca fui petista e aproveito para dizer que, desde 1980, apoiei o PDT e a liderança Leonel Brizola. Sua morte recente foi uma perda irreparável para o Brasil.

Entrevista cedida e aprovada em 22/10/2006